

Histórias do Futebol, histórias do Brasil

Eduardo Luz

Mestre em Literatura Brasileira – UFC
Professor de Literatura Cearense - UFC

Resumo

Estudo de *Histórias do Futebol*, de João Saldanha, pela Antropologia da Literatura. Toma-se o “texto assinado” como etnografia, na investigação do mapa cultural explorado pelo autor. O quadro referencial apóia-se no Triângulo Ritual Brasileiro, conceito desenvolvido por Roberto DaMatta e adaptado para esta importante celebração ritualística da cultura brasileira: o futebol.

Palavras-chave

Antropologia da Literatura; etnografia; futebol.

Abstract

Study of João Saldanha’s *Histórias do Futebol*, for the Anthropology of Literature. The “signed text” is taken as ethnography, in the investigation of the cultural map explored by the author. The referential scene is supported by the Brazilian Ritual Triangle, concept developed for Roberto DaMatta and adapted for this important ritualistic celebration of the Brazilian culture: the football.

Keywords

Anthropology of Literature; ethnography; football.

Histórias do Futebol foi lançado em 1963, com o título de *Subterrâneos do Futebol*, um bem-disposto contraponto com *Os Subterrâneos da Liberdade*, de Jorge Amado, lançado nove anos antes. João Saldanha e Jorge Amado eram companheiros no Partido Comunista Brasileiro, e se na obra deste se relatavam as agruras por que passavam os militantes clandestinos, na de Saldanha descrevem-se as aventuras do lendário Botafogo de Garrincha, Nilton Santos, Didi e Zagalo, entre 1957 e 1959. O futebol dessa época, entre a profissionalização dos anos 30 e o atual fenômeno de mídia numa sociedade globalizada, impunha aos clubes longas excursões pelo Brasil e exterior, na busca de cotas que cobrissem as suas despesas. O livro resgata essas peripécias, ao mesmo tempo em que registra, numa primeira pessoa quase impessoal, como Saldanha inicia sua carreira de técnico e experimenta por dentro o mundo desse esporte. Para a análise pretendida, tomaremos o texto assinado por Saldanha como descrição de momentos da vida social, visando ao mapa cultural que a obra permite revelar. Estudá-la como etnografia ligamos à Antropologia da Literatura. Antes de qualquer exercício, no entanto, fazem-se necessárias duas explicações: uma sobre os estudos culturais, outra sobre o conceito de *mimesis*. Foram os estudos culturais – fundamentalmente os da linha britânica – que, liberando as margens e valorizando as temáticas do cotidiano, abriram campo para o estudo do futebol como prática significativa. Quanto à perspectiva mimética adotada, usar um texto literário como peça etnográfica implica desconsiderar – em boa medida – questões poéticas que ajudam a defini-lo como tal; a leitura sintomática obriga, prioritariamente, a uma estrutura de inteligibilidade dos acontecimentos – a *mimesis*, aqui, é uma atividade cognitiva, modo como o homem constrói e habita o mundo, em nada ligada à idéia de intransitividade ou de auto-referencialidade do texto literário.

Nosso quadro referencial teórico apóia-se no Triângulo Ritual Brasileiro, de Roberto DaMatta, em cujos vértices o antropólogo fixou o Dia da Pátria, o carnaval e a festa religiosa, festivais respectivamente ligados a mecanismos de reforço, inversão e neutralização da estrutura social brasileira. Por entendermos que o futebol envolve os três ritos enquanto modos de *significar* a sociedade, adaptamos os três vértices, respectivamente, para oficiais, jogadores e torcedores, actantes do universo futebolístico. Sustentamos a analogia pela idéia de que não há alterações de essência entre categorias usadas no mundo dos ritos e no mundo do cotidiano. No caso específico de *Histórias do Futebol*, veremos como João Saldanha explorou a implicação entre esses três personagens paradigmáticos, realçando as alteridades enquanto, paradoxalmente, encaminhava-se para desfazê-las.

Três aspectos do livro destacam-se para apreciação. O primeiro liga-se ao gênero da obra: como classificá-la? o que significa a dificuldade de classificá-la? O segundo responde pelo relevo notável que adquire a figura de Garrincha, sob o ângulo picaresco e/ou malandro. O terceiro está vinculado não mais a oscilações pontuais, mas a uma oscilação ampla do repertório de atores e ambientes, numa articulação complexa que disponibiliza o rito do futebol como instante em que a sociedade fala de si própria.

Oscilação de gênero

O primeiro campo que se oferece à análise é o do gênero em que se enquadraria *Histórias do Futebol*. Se não deixa de ser um *testemunho*, beira a *reportagem*, pela adoção de uma instância narrativa que é autodiegética, mas que abre a perspectiva da história - generosamente - a cada personagem abordado. A obra não deixa de ser um *relato de viagem* (inúmeras, aliás: de Londrina a Belém, de Caracas a Herlen, na Holanda...) obscurecido, em tantos pontos, por reflexões comuns a *ensaios filosóficos, políticos e culturais*. É, também, um *romance de aventuras* com personagens históricos (alguns míticos, como Garrincha); é uma *apologia* e um *anedotário*... o caráter digressivo de *Histórias do Futebol* manifesta fantasia intelectual, mas também inclinação humorística.

O antropólogo Clifford Geertz, em seu ensaio “Mistura de gêneros: a reconfiguração do pensamento social”¹, reflete sobre as analogias com jogos, dramas e textos adotadas modernamente pelos cientistas sociais, o que consagra a utilização de imagens das Humanidades como modelo e realça as afinidades entre antropologia e crítica literária. No âmbito desse pluralismo, alimenta-se o problema do estilhecimento e da interpenetração dos gêneros literários, o que Geertz chama de *blurred genres*. Para ele, todo esse conjunto de fatos sugere uma extraordinária mudança no que diz respeito a categorizar e conceituar: “Algo está sucedendo com a maneira como achamos que pensamos”. Hoje, após longos quarenta anos que nos separam da primeira edição do inclassificável *Histórias do Futebol*, destaca-se nesse texto todo um esquema dinâmico de forças ligadas a categorias culturais – toda uma “gramática” – que, antes, pouco se oferecia à interpretação. A obra de Saldanha, valorizada como *doce* durante décadas, hoje também se afigura bastante *útil*, e precisamente por sua fluidez e descentralização.

Oscilação do personagem preferencial

A leitura de *Histórias do Futebol* deixa revelar a larga simpatia do narrador pelos jogadores, como grupo e como categoria profissional. O antepenúltimo capítulo do livro é um elogio explícito a eles. Dentre todos, no entanto, destaca-se Mané Garrincha; é com ele que viajamos, levados pela mão do narrador. São inúmeros os episódios dos quais Garrincha é protagonista; em alguns, é um personagem secundário ou tangencial, mas, em qualquer dos casos, sua figura avulta no desfecho da história, da qual é invariavelmente o vencedor, e à custa da... malandragem. Tomemos aqui esta palavra sob o conceito desenvolvido por Roberto DaMatta: “um modo possível de ser”², “um estilo de navegação social”³, maneira – ou jeitinho – de o brasileiro enfrentar as contradições de um país onde as leis apóiam-se no *não pode*, contrariando tantas vezes o bom senso e, na prática, subjugando o cidadão ao Estado. Garrincha é, sob este aspecto, o “malandro”, entre a ordem e o prazer; abaixo da lei, mas sem tocar a desonestidade.

Isso nos levaria a pensar na figura do pícaro, personagem surgido na literatura espanhola do século XVI, que abriu caminho para a legitimidade literária de textos em que se fixa a luta dos marginalizados pela sobrevivência. O medular Garrincha seria um pícaro? Um “malandro”

é necessariamente um pícaro? Para desenvolvermos essas questões, revisitemos o Antonio Candido de “Dialética da malandragem”⁴, em que o mestre retoma idéias de Frank Wadleigh Chandler sobre o (anti-)herói picaresco. Seriam algumas características do pícaro: 1. A dura relação com a realidade, o que o conduz à mentira, à dissimulação; 2. A amabilidade e a ingenuidade; 3. As ações sem lastro psicológico claro; 4. A origem humilde.

Ao investigar o que chamou de “romance malandro”, Antonio Candido identificou o protagonista através de certas linhas, dentre as quais destacamos: 1. A astúcia – e mesmo a “astúcia pela astúcia”, ou seja, o prazer do jogo-em-si, o que se opõe ao pragmatismo do pícaro; 2. Um comportamento que permite ligá-lo a arquétipos folclóricos; 3. A comicidade popularesca; 4. A tolice, que pode resultar em sucesso. O livro de João Saldanha é pródigo em Mané Garrincha, e poderíamos facilmente ilustrar, com episódios protagonizados pelo genial ponta-direita, cada um daqueles oito itens. A exemplificação farta em ambas as categorias analisadas, ao tempo em que fixa a personagem preferencial, remete a obra de Saldanha a um ponto intervalar entre o “romance picaresco” e o “romance malandro”. Internalizando o problema – e retomando a primeira oscilação – caberia perguntar: “romance”? Leiamos o que João Saldanha diz acerca de Garrincha: “Dentro e fora do campo, jamais vi alguém tão desconcertante, tão driblador. É impossível adivinhar-se o lado por onde Mané vai sair da enrascada”⁵. A flutuação de sinais que possam caracterizar o personagem liga-se à flutuação de gênero, encorpendo-a. São índices significativos que serão levados para o ambiente da terceira oscilação, a fim de confirmar o esquema dinâmico que implica os três actantes paradigmáticos (oficiante, jogador e torcedor) nessa obra de Saldanha.

Oscilação do repertório

Na busca da “gramática” que antecede o autor e é inventário de um modo de vida, devemos investigar o repertório trabalhado por Saldanha, que envolve ambientes e atores. Aqueles são apresentados sob alta mobilidade, em consonância com a perda de centro já anotada. No Brasil, transita-se por Rio, São Paulo, Londrina, Fortaleza, Belém, Goiânia... no exterior, por Costa Rica, México, El Salvador, Colômbia, Holanda, Suécia, França... Já em relação aos atores, a situação não se oferece à análise com tanta nitidez. Utilizando apenas alguns poucos elementos, dentre tantos disponíveis, é possível formatizar o seguinte esquema:

OFICIANTE	JOGADORES			TORCEDOR(ES)
	Turma do bagaço	Turma dos colaboradores	Fora de turma	
João Saldanha	Tomé	Nilton Santos	Garrincha	João Saldanha
Dr. Carvalho Leite	Amoroso	Didi		
Sr. Cavalcanti	Paulista	Zagalo		
Renato Estelita	Gato			

a) **Leitura paradigmática** – Pelo campo dos oficiais, ligados a um discurso de reforço, transitam o técnico João Saldanha, o médico Carvalho Leite, os chefes de delegação Cavalcanti e Renato Estelita. Saldanha havia sido diretor de futebol do Botafogo, a convite do folclórico presidente Carlito Rocha, que, por sua vez, fora árbitro de futebol. Saldanha, é indispensável lembrar, chegara a ser atleta juvenil do clube alvinegro. Carvalho Leite também fora jogador de futebol, durante quinze anos; Cavalcanti, à época em que se dão as histórias, era fiscal do Ministério da Fazenda; Estelita era alto funcionário da Alfândega. Apesar de alguns diálogos que se ouvem entre paradigmas distintos, prevalecem mensagens sociais de consistência, que fazem contraponto com o tom geral de indeterminação da obra: técnico ex-diretor, presidente ex-árbitro, dirigentes bem remunerados fora do futebol. Dentro dessa moldura, lê-se a conservação de forças, em deslocamentos consentidos, num espaço ritual que ultrapassa o gramado de jogo.

Os jogadores apresentam-se distribuídos por três subconjuntos: a Turma do Bagaço, A Turma dos Colaboradores e Mané Garrincha, o Fora de Turma. A Turma do Bagaço, assim nomeada por Zezé Moreira, técnico antecessor de Saldanha, era composta de jogadores transgressivos, embora não resistentes à autoridade. As violações praticadas, muitas ligadas à satisfação de impulsos próprios de jovens que eram, são-nos passadas sob o olhar benevolente do narrador, embora, enquanto autoridade, Saldanha e outros adotassem a postura firme de combatê-las – mais procurando evitá-las do que punindo-as. Em essência, compunham a Turma dos Colaboradores Nilton Santos, Didi e Zagalo. Embora não sejam apresentados como líderes, projetam-se pelo equilíbrio e mesmo pela contenção. Nilton “fuma pouco”⁶, Didi vai com o grupo a um bordel parisiense “só para olhar”⁷, Zagalo (assim como Nilton e Didi) não poderia ter-se trancado na rouparia de um hotel, em Goiânia, com uma “camareira velhota”, “muito gasta”⁸; os três, segundo o narrador, “não eram disto”⁹ – em verdade, teria sido Garrincha. O terceiro subconjunto constitui-se dele, o Fora de Turma: Mané Garrincha. É o herói forjado pelo isolamento, como se dá em relatos míticos que envolvem, às vezes, a flagelação (ou auto-flagelação). Estamos, aqui, lidando com os atletas, um grupo cujo foco está nas fendas do sistema, composto por figuras que podem alcançar a transcendência, a partir de um conjunto de ações e valores. Nilton Santos, Didi, Zagalo e Garrincha tornaram-se campeões do mundo em 1958, “pessoalizaram-se” – os três primeiros, veremos adiante, ganharam autonomia e puderam migrar para o campo dos oficiais; Garrincha, a Alegria do Povo, foi imolado, num ritual em que o álcool foi o símbolo de seu sofrimento.

No interior da terceira moldura, a dos Torcedores, um único nome: João Saldanha. Doou-se ao clube da estrela solitária, na paixão e na razão. Trabalhou como técnico da equipe (que se tornou campeã carioca em 1957)... sem remuneração. Foi o que, hoje, o pesquisador britânico Richard Giulianotti chamaria de “pós-torcedor”¹⁰, ou seja, aquele que tem capacidade de avaliar criticamente as estruturas políticas do

futebol e de compreender as relações de poder que envolvem os atletas. Apaixonado, orgulhava-se de jamais ter soltado um grito de gol num jogo de futebol¹¹; quando se fixou como comentarista, apresentavam-no como “o realmente técnico”. Esse racionalismo deixou em sua obra muito pouco de categorias como sorte e destino, tão identificadas com o torcedor comum.

b) **Leitura sintagmática** – Em *Histórias do Futebol*, os atores do repertório apresentado envolvem-se em combinações fora da moldura de origem, num trânsito relativizador. Se a leitura paradigmática propiciou a afirmação de estruturas da vida social, a sintagmática irá flexibilizá-las, confirmando ser o futebol um instrumento de dramatização capaz de *totalizar* o Brasil, por sua capacidade de acesso às nossas contradições. Apresentados entre oficiais, o Dr. Carvalho Leite e o próprio João Saldanha estiveram, anteriormente, entre os jogadores. Já Nílton Santos, Didi e Zagalo, do subconjunto Turma dos Colaboradores, transitaram depois entre os oficiais: Nílton Santos foi diretor do próprio Botafogo; Didi e Zagalo tornaram-se técnicos prestigiosos, inclusive de seleções nacionais. Do ponto de vista antropológico, essas transposições desvelam “ritos de passagem” ligados a mudança de *status*. É João Saldanha, no entanto, o responsável maior pela dinamicidade de giro entre os três vértices do triângulo ritual: dirigente, jogador e torcedor, responde pela flutuação de sinais manipulada pelo narrador. Saldanha catalisou os três discursos – sem dispensar elementos competitivos entre eles – fixando na obra a natureza da vida ritual, nem sempre coerente. A ambivalência e a comicidade de *Histórias do Futebol* remetem inevitavelmente à carnavalização bakhtiniana, mais ainda hoje, a distância, quando a desconstrução de polaridades – também no futebol – é fato e quando o ritual da consagração e derrocada de Garrincha é memória. Oscilações projetaram-se na matéria da obra, que – estimulada por elas – levou-nos ao acolhimento do futebol como celebração ritualística da cultura brasileira. E ele, enquanto rito, fez emergir o plano social e o mapa cultural que estavam insinuados nessas preciosas histórias do futebol.

Notas Bibliográficas

¹GEERTZ, Clifford. “Mistura de gêneros: a reconfiguração do pensamento social”. In: _____. *O saber local*. Petrópolis: Vozes, 1977. pp. 34-35.

²DAMATTA, Roberto. “O modo de navegação social: a malandragem e o `jeitinho””. In: _____. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p.105.

³DAMATTA, Roberto. *Op. cit.* p. 99.

⁴CÂNDIDO, Antonio. “Dialética da malandragem”. In: _____. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993. pp. 21-30.

⁵SALDANHA, João. *Histórias do Futebol*. Rio de Janeiro: Revan, 1996. p. 140.

⁶SALDANHA, João. *Op. cit.* p. 207.

⁷SALDANHA, João. *Op. cit.* p. 193.

⁸ SALDANHA, João. *Op. cit.* p. 172.

⁹ SALDANHA, João. *Op. cit.* p. 173.

¹⁰ GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. pp. 190-191.

¹¹ MÁXIMO, João. *João Saldanha*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. p. 35.

Bibliografia

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: Antropologia e Literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. *O saber local*. Petrópolis: Vozes, 1997.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

MÁXIMO, João. *João Saldanha*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

SALDANHA, João. *Histórias do Futebol*. 4.ed. Rio de Janeiro: Revan, 1996.